

CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DOS OFÍDIOS NEOTRÓPICOS

XXXVII. Sub-espécies de *Epicrates cenchria* (Lineu, 1758).

AFRÂNIO DO AMARAL

(Secção de Ofiologia e Zoologia Médica, Instituto Butantan)

INTRODUÇÃO

Baseado em 1 exemplar procedente de Surinam (Guiana Holandesa), Lineu (1), em 1758, descreveu a espécie *Boa cenchria*. Esta espécie foi mais tarde incorporada ao gênero *Epicrates*, criado por Wagler (2), em 1830.

A grafia *chenchia* parece resultar de erro tipográfico, ocorrente nos primícios trabalhos de Lineu, tanto que, em edições posteriores de *Systema Naturae*, este autor a corrigiu para *cenchrus*. Realmente, o nome *cenchrus* já constava da literatura latina, pois havia sido usada por Lucano e por Plínio para designar certa serpente (nome masculino), portadora de pintas miúdas no colorido (*). Sem embargo dessa correção, prevalece a grafia *chenchia*, por obediência a prescrição constante do Código Internacional de Nomenclatura Zoológica.

Boulenger, ao publicar o seu Catálogo (3), juntou, dum lado, sob o nome de *Epicrates cenchrus* algumas formas procedentes dos mais diversos distritos na região neotrópica, tendo, doutro lado, reconhecido (4) a validade específica da forma *Epicrates crassus* que fora descrita por Cope (5), à luz de um exemplar procedente de "Cadosa", distrito do rio Paraná.

Examinando exemplares da nossa "Salamanta" ("Aboma" nas Guianas), reconheci (6), em 1929, duas raças na espécie lineana: *chenchia* e *crassus*.

(*) Lucano, no l. IX de seu poema *Pharsalia*, comparou o colorido dessa serpente à do mármore pintalgado, característico de Tebas:

"Et semper recto lapsurus limite cenchrus
Pluribus ille notis, variatam tingitur alvum".

Em Plínio, no l. XX, cap. 22 de *Naturalis Historia*, a ela assim se referiu:

"Serpillum adversus serpentes efficax, maxime cenchrin et scolopondras"

Mais tarde, no curso de sua revisão desse grupo, Stull (7) (8) acabou reconhecendo, além destas duas, outras raças nessa mesma espécie, a saber: *E. cenchria maurus* (Gray), *E. cenchria gaigei* Stull e *E. cenchria barbouri* Stull.

Reunindo agora os dados fidedignos da literatura herpetológica e cotejando-os com os caracteres de numerosos exemplares de *E. cenchria* existentes na coleção do Instituto Butantan, e com anotações registadas em meus cadernos, pareceu-me que novas sub-espécies, cada qual representativa de bem definido distrito geográfico, poderiam ser reconhecidas. Desse estudo comparativo é que trata o presente trabalho.

DISSERTAÇÃO

A luz da presente revisão parece-me que as seguintes raças de *E. cenchria* deveriam ser preliminarmente aceitas:

- A) — *E. cenchria cenchria* (L.),
- B) — *E. cenchria crassus* (Cope),
- C) — *E. cenchria maurus* (Gray),
- D) — *E. cenchria barbouri* Stull,
- E) — *E. cenchria gaigei* Stull.

A cada uma dessas formas caberiam as seguintes observações:

A) — *Epicrates cenchria cenchria* (Lineu)

Os exemplares da forma típica vivem de preferência em lugares baixos e úmidos, distribuindo-se desde as Guianas até a bacia do Amazonas (Norte do Brasil e N. E. do Perú). A esta forma pertencem provavelmente os exemplares *i*, *l*, *m*, *n* (Guiana Britânica), *q* (Pará, Brasil) e *s* (Alto Amazonas, Perú) do Catálogo do Museu Britânico, além de 12 exemplares (5 ♂ ♂ e 7 ♀ ♀) da coleção do Instituto Butantan.

Esta forma típica distingue-se assim:

CARACTERES PRINCIPAIS:

FOLIDOSE — Escamas dorsais — 43 a 51 ($\delta \delta = 44-49$, $\varphi \varphi = 43-51$). Ventrals — 256 a 271 ($\delta \delta = 267-271$, $\varphi \varphi = 256-270$). Subcaudais — 56 a 66 ($\delta \delta = 59-66$, $\varphi \varphi = 56-65$). Supralabiais — 12 a 15. Infralabiais — 14 a 17.

— Para o exemplar típico (No. 322) Lineu registrou.

Escamas dorsais — 49; ventrais — 266; subcaudais — 57, sendo certo que Anderson (9), na revisão que fez dos exemplares lineanos, encontrou para o desta forma (na coleção do Museu de Drottningholm):

Escamas dorsais — 49; ventrais — 266; subcaudais — 57, além de: comprimento total — 475 mm.; cauda — 58 mm., o que mostra tratar-se de um jovem.

— Na coleção do Instituto Butantan existe um exemplar (♂), recebido do Pará (Jardim Zoológico), sem procedência certa. Esse exemplar, No. 14.628, apresenta:

Escamas dorsais — 43; ventrais — 260; subcaudais — 60; supralabiais — 12/13; infralabiais — 15/14. Tal exemplar pode ter sido acarretado de outro qualquer distrito pelas enchentes, tão comuns na região do Amazonas, de algum tributário ou então ter sido remetido para o Jardim Zoológico por algum colecionador comercial, localizado em outras paragens.

COLORIDO TÍPICO DE *E. CENCHRIA CENCHRIA*:

Dorso pardo avermelhado brilhante. Cabeça com uma estria parda anegrada desde o focinho até a nuca onde geralmente pára numa tarja clara que limita para diante uma estria escura transversal na nuca; uma estria pardo-escura lateral, contínua, desde o focinho, através da órbita, até o lado da nuca (atrás do ângulo bucal); uma estria intermédia pardo-escura de cada lado desde a supraocular até a nuca, onde termina (às vezes ligada com a ponta da estria transversal da nuca). No dorso, uma série de anéis pardos-anegrados e com o centro às vezes claro (crème em jovens, transversalmente alongados às vezes em S, ou alargados em forma de sela, por fusão de 2 semiocelos opostos ou quase alternados) em número de 42 a 50 + 9 a 10 sobre a cauda; em exemplares adultos, às vezes existe uma linha neural mais escura, embora pouco nítida, a dividir as marcas em sela; de cada lado do dorso (flancos), uma série superior de ocelos colocados para baixo do intervalo (alternadas) das marcas transvertebrais e para cima do intervalo (alternadas) de manchas arredondadas ou irregulares para-ventrais: estes ocelos consistem em geral de um arco, côncavo para baixo, castanho-claro, e de uma mancha arredondada castanho-escura, separada do arco por uma estria curva clara (crème) nos jovens; uma série inferior de manchas escuras, alternadas com os ocelos acima descritos, e extendidos, nos exemplares adultos, até os lados das ventrais, que são mais escuras nos adultos. Face ventral amarelada (crème), manchada de escuro ao longo do extremo lateral das ventrais; e bastante manchada de mais escuro sob a cauda.

EXTENSÃO DA CAUDA — O comprimento relativo da cauda, expresso pela proporção "cauda: comprimento total" é, em média, de ± 13,9%, nos exemplares estudados.

(Vide Quadro I)

B) — *Epicrates cenchria crassus* (Cope)

O holótipo, colhido pela Expedição Page, procederia, segundo Cope, da localidade "Cadosa, Parana River": tratar-se-ia talvez de Cadorna, localidade situada à margem do Rio Paraná, a S. E. do Paraguai.

QUADRO I

Exemplares de *E. cenchria cenchria* (L.) na coleção do Instituto Butantan.

No.	Sexo	Procedência	Dorsais	Ventrais	Caudais	S. Labiais	I. Labiais	Comprimento em mm.		Notas
								Total	Cauda	
1.625	♂	Amazonas: Primor-Jamari (R. Madeira)	47	264	59	13/12	14/14	385	55	
14.694	♂	Pará: Tomé-Açu	44	267	65	14/15	15/16	410	59	
14.692	♂	Pará: Tomé-Açu	49	271	66	13/14	15/14	450	71	
14.690	♂	Pará: Tomé-Açu (Acará)	49	267	65	13/13	16/17	430	64	
14.627	♂	Pará: E. F. Bragança	47	271	64	13/13	16/17	710	100	
14.687	♀	Pará: Tomé-Açu	47	266	65	13/14	16/16	410	59	
14.691	♀	Pará: Tomé-Açu	43	270	60	13/13	16/16	620	88	
15.028	♀	Pará: Belém	51	267	58	14/14	15/16	1.350	182	
2.206	♀	Pará: Cametá	47	262	60	13/13	16/16	830	60	
14.035	♀	Amapá: Oiapoque	51	267	56	13/13	16/16	1.135	173	
14.624	♀	Amapá: Oiapoque	48	266	44+n	14/14	17/17	1.520	155+n	C. mutil.
14.626	♀	Amapá: Oiapoque	45	256	56	12/12	14/14	654	65	

De qualquer modo, a área de dispersão desta raça parece extender-se desde o Paraguai até o sul de Mato Grosso, de Goiás, Minas Gerais e desde os Estados de São Paulo e Paraná, no Brasil, até o norte da Argentina, onde, sob o nome de *E. cenchria cenchria* (L.), Serié (10) a consignou para as Províncias de Catamarca, Chaco, Misiones, Salta e Tucumán, ocorrendo também em Corrientes. É possível que nessa extensíssima área de dispersão esta raça venha de futuro a ser desmembrada (*).

CARACTERES PRINCIPAIS:

Folidose — Escamas dorsais — 40 (excepcionalmente 39) a 46 séries: ♂♂ = 40 (39)-45, ♀♀ = 40-46; ventrais — 214 a 239 (excepcionalmente 241, conforme Stull); ♂♂ = 220-235, ♀♀ = 214-239; subcaudais — 34 a 43 (excepcionalmente 45, conforme Stull); ♂♂ = 35-40, ♀♀ = 34 a 43; supralabiais — 12 a 14 (15); infralabiais — 13 a 16.

COLORIDO TÍPICO DE *E. CENCHRIA CRASSUS*:

Dorso pardo-atijolado, entremeado de manchas mais escuras ou mais claras. Cabeça com as estrias escuras central e lateral (transocular) bem nítidas, a central bastante longa, e com a ponta posterior além da nuca, a lateral curta e larga para trás, com a ponta posterior aquém da nuca. Marcas dorsais, oceliformes (centro claro, cercado de escuro), às vezes subdivididas, com a metade de cada lado da linha neutral, em número de 38 a 46 no dorso e 5 a 8 na cauda. Estria lateral escura, tarjada de claro (crème) em cima e em baixo, ligada, em geral, na frente com a estria transorbitária e transformada para trás em ocelos escuros quase sempre completamente rodeados ou tarjados de claro (crème); esses ocelos, alternados com outros escuros do mesmo tipo e tamanho (às vezes maiores) também tarjados de claro (crème) e sobrepostos a 1 ou 2 séries de manchas e pintas escuras que se extendem até o lado das ventrais. Face ventral amarelo — clara (crème) no jovem, bastante manchado de pardo escuro dos lados, sobretudo no terço posterior do corpo e sob a cauda.

EXTENSÃO DA CAUDA — O comprimento relativo da cauda, expresso pela proporção "cauda: comprimento total" é, em média, de $\pm 10,7$, nos exemplares examinados.

(Vide Quadro II)

(*) Ao exame atento dos exemplares ora disponíveis, embora em séries ainda insuficientes para o reconhecimento de outras raças, já se pode vislumbrar certa tendência para a constituição de "populações", delimitáveis pela folidose abdominal (soma: ventrais + subcaudais), cujo número parece variar assim: em torno de 250-255, no C. e N. E. de S. Paulo; entre 270-280, no S. de Goiás e de M. Grosso; entre 260-265 (raramente, 256 e 270), no W. e S. W. de S. Paulo e S. de M. Gerais, sendo certo que o total de 263 (227 + 36), constante do tipo (N.º actual 12.413, Smithsonian), o aproxima desta "população".

QUADRO II

Exemplares de *E. cenchria crassus* (Cope) na colecção do Instituto Butantan

No.	Sexo	Procedência	Dorsais	Ventrais	Caudais	S. Labiais	I. Labiais	Comprimento em mm.		Notas
								Total	Cauda	
1.127	♂	Minas Gerais: Eng. ^º Lisbôoa	43	225	41	15/14	15/14	1.008	111	
707	♀	Minas Gerais: Sacramento	45	223	40	13/13	14/15	535	62	
15.690	♀	Minas Gerais: Uberlândia	46	220	40	13/12	15/15	1.140	120	
13.670	♂	Goiás: Catalão	43	235	41	13/12	13/13	1.110	122	
9.625	♀	Mato Grosso: Três Lagoas	44	231	33	13/12	14/15	591	51	C. mutil.
9.335	♀	Mato Grosso: Maroim	46	239	43	14/14	16/16	397	49	
12.057	♀	Mato Grosso: Mato Verde	43	236	41	13/13	14/14	360	41	
15.778	♂	Mato Grosso: Promissão	44	224	40	14/13	15/15	880	100	
10.839	♂	São Paulo: Penápolis	44	225	37	13/12	16/16	1.098	125	
10.978	♂	São Paulo: Penápolis	44	225	35	13/12	14/13	1.000	103	
10.844	♂	São Paulo: Bueno de Andrad	42	227	35	13/14	14/14	640	65	
10.874	♂	São Paulo: Campinas	45	220	40	13/12	15/15	855	102	
928	♂	São Paulo: Treze de Maio	43	228	37	13/12	14/14	1.049	110	
537	♂	São Paulo: s/local.	40	225	35	12/12	15/14	1.000	95	
1.714	♀	São Paulo: Sorocaba	44	221	39	13/14	14/15	1.050	102	
10.961	♀	São Paulo: Pres. Wenceslau	44	225	38	14/14	15/16	1.019	115	
859	♀	São Paulo: Visc. Rio Claro	44	221	34	14/13	15/15	642	60	
1.811	♀	São Paulo: Casa Branca	42	228	41	12/12	14/14	794	86	
1.505	♀	São Paulo: Eng. ^º Coelho	43	219	38½	12/12	15/15	815	85	
3.183	♀	São Paulo: Treze de Maio	42	226	37	13/13	13/13	1.020	105	
1.182	♀	São Paulo: Paraguaçu	42	225	35	13/13	16/15	1.135	109	
10.994	♀	São Paulo: Córrego Fundo	42	214	40	13/13	15/15	630	74	
2.683	♀	São Paulo: Fortaleza	43	226	37	13/13	15/15	720	80	
1.116	♀	São Paulo: Cesário Bastos	44	225	39	13/13	14/14	662	73	
835	♀	São Paulo: Treze de Maio	41	223	37	12/12	14/14	1.105	95	
833	♀	São Paulo: Guaiuvira	43	225	40	13/12	15/14	1.002	106	

E. cenchria crassus (Cope)

(Continuação)

No.	Sexo	Procedência	Dorsais	Ventrais	Caudais	S. Labiais	I. Labiais	Comprimento em mm.		Notas
								Total	Cauda	
698	♀	São Paulo: Est. Domingos Vilela	46	223	40	13/12	14/13	765	88	
834	♀	São Paulo: Guaiuvira	43	218	36	14/13	13/13	380	40	
2.139	♀	São Paulo: Fortaleza	42	221	40	13/13	14/15	505	55	
10.963	♀	São Paulo: Ipaobi	41	227	38	13/12	14/15	405	48	
10.919	♀	São Paulo: Indiana	45	229	35	13/14	15/15	459	46	
10.888	♀	São Paulo: Caçapava	42	220	36	13/13	14/14	330	35	
11.023	♀	São Paulo: Indiana	41	216	40	13/13	13/13	440	55	
11.022	♀	São Paulo: Treze de Maio	44	224	37	13/13	15/14	485	55	
1.017	♀	São Paulo: Indiana	42	222	38	12/12	15/14	505	55	
7.095	♀	São Paulo: Caiuá	42	232	38	13/14	15/15	380	40	
15.754	♀	São Paulo: Paraguaçu	40	219	37	14/13	15/15	695	64	
15.373	♀	São Paulo: Porto Ferreira	41	229	39	13/12	13/13	720	75	
15.688	♀	São Paulo: Porto Ferreira	44	224	40	13/12	15/14	705	76	
15.712	♀	São Paulo: Penápolis	40	229	37	13/12	15/14	990	98	
15.679	♀	São Paulo: Altinópolis	45	218	34	13/14	15/15	1.000	95	

C) *Epicrates cenchria maurus* (Gray)

O holótipo (de *E. maurus* Gray), procedente da Venezuela, consta do Catálogo de Boulenger (vol. I, p. 96), como sendo exemplar macho, com a seguinte folíose: escamas dorsais 51; ventrais 238; subcaudais 55.

Segundo Stull (7), esta espécie ocorreria em Costa Rica, Panamá, Venezuela, Tobago e Trinidad, ao que eu acrescentaria: os distritos altos e pouco úmidos da Colômbia e das Guianas. A essa raça corresponderiam os exemplares *k* e *o* (Guiana Britânica) e *p* (Guiana Francesa) todos consignados no Catálogo do Museu Britânico.

CARACTERES PRINCIPAIS:

Folidose — Escamas dorsais — 47 a 51 (excepcionalmente 53, conforme Stull). Ventrais 231 (excepcionalmente 225, conforme Boulenger: exemplar *k*) a 240. Subcaudais 52 (excepcionalmente 50, conforme Boulenger: exemplares *k* e *p*). Supralabiais 12 a 13 (conforme Stull).

COLORIDO DE *E. CENCHRIA MAURUS*:

Colorido geral próximo do modelo *cenchria*. Marcas dorsais e cefálicas, indistintas, excepto nos jovens, onde reproduzem a distribuição encontrada em *cenchria*.

EXTENSÃO DA CAUDA — Não examinada.

D) — *Epicrates cenchria barbouri* Stull

O holótipo (♀), procedente da Ilha Marajó, Pará, Brasil, apresenta, segundo Stull, os seguintes

CARACTERES PRINCIPAIS:

Folidose — Escamas dorsais — 45 séries; ventrais — 233; subcaudais — 51; supralabiais — 11; infralabiais — 15.

Nota: Os caracteres deste holótipo de *barbouri* aproximam-no de exemplares procedentes do N. E. de Goiás (Ilha do Bananal), donde podem ter sido primitivamente deslocados pelas enchentes do rio Araguaia e pelos rios Tocantins e Amazonas, chegando até a ilha de Marajó.

Na coleção do Instituto Butantan existe um exemplar de *barbouri*, procedente da Ilha do Marajó. Esse topótipo, No. 15.224, também ♀, apresenta: dorsais 45; ventrais 232; subcaudais 46 + n ($= \pm 4$); supralabiais 11/11 (a 6a. e 7a. contíguas à órbita; a 7a. e 8a. fundidas = 7a.; a 9a. e 10a. fundidas = 8a.); da 1a. à 7a. com depressões); inflalabiais 14/15 (da 1a. à 11a. com depressões). Comprimento total = 1.175 mm.; cauda = 135 mm.

COLORIDO DE *E. CENCHRIA BARBOURI*:

Colorido geral próximo do modelo *crassus*. Cabeça com as 3 estrias (central, lateral e intermédia) nítidas desde o focinho, a central a formar, na nuca, 2 ocelos incompletos. Dorso com 49 marcas em sela, de centro claro, tarjado de escuro; cauda com 9 ocelos de centro escuro; estria escura ao lado da nuca (em seguida à estria transocular), tarjada de claro em cima e em baixo, e subdividida para trás em série de marcas ocelares de centro escuro e tarja clara, de contorno irregular e muitas coalescentes; abaixo dessa estria numerosas manchas escuras irregulares e desordenadas. Ventre claro, excepto nos lados e sob a cauda onde é bastante manchado de pardo avermelhado.

EXTENSÃO DA CAUDA — O comprimento relativo da cauda, expresso pela proporção "cauda: comprimento total" é em média, nos 2 exemplares examinados, de $\pm 11,9\%$.

E) — *Epicrates cenchria gaigei* Stull

Esta forma foi designada como homenagem à Sra. Helen T. Gage (do Museu de Zoologia da Universidade de Michigan). De acordo com o Art. 14 das Regras Internacionais de Nomenclatura, reforçado por decisão unânime tomada pelo 14.º Congresso Internacional de Zoologia (Copenhague, 1953), a grafia correcta deste nome deve ser *gaigeae*.

A descrição desta sub-espécie foi feita à luz do holótipo, procedente de Santa Cruz, Bolívia e de 7 parátipos, coligidos, respectivamente, em Santa Cruz (cinco) Bolívia; em Manao, Bolívia; e em Tingo Maria, Perú, nos contrafortes dos Andes, mas já na bacia do alto Amazonas (rio Huallaga). A essa forma parece-me dever ligar-se o exemplar *r* do Catálogo do Museu Britânico, procedente de Moyobamba, Peru, igualmente nessa bacia e portador de escamas dorsais — 41; ventrais — 257, subcaudais — 53.

Distinguir-se-ia a presente raça da seguinte maneira:

CARACTERES PRINCIPAIS:

FOLIDOSE — Escamas dorsais — 40 a 45 séries. Ventrals — 237 (*) a 261. Subcaudais — 45 a 59. Supralabiais — 12 a 13. Infralabiais — 14 a 17.

COLORIDO DE *E. CENCHRIA GAIGEI*:

Colorido geral próximo do modelo *cenchria*. Cabeça com as 3 estrias escuras nítidas desde o focinho. Dorso com séries de marcas negras, alternadas: para-vertebrais (medianas) 49 no corpo + 9 na cauda, de forma circular e de centro pardo, às vezes fundidas entre si ou separadas por 1 lista escura difusa ao longo da linha neural; flancos com ocelos, alternados com as marcas para-vertebrais e com as da série seguinte (inferior) de manchas: cada ocelo formado de arco superior e de porção inferior, maior e mais escura, sendo mais claro o intervalo das 2 porções; mais 2 séries de manchas menores, para baixo, irregulares, a última série estendida sobre o lado das ventrais. Face ventral clara, excepto nos lados e mormente na cauda, onde há muitas manchas escuras.

EXTENSÃO DA CAUDA — Não é fidedigna a informação, por serem incompletos e confusos os dados publicados por Stull (média = 13,3%?).

* * *

— Além dessas formas acima indicadas, tem o Instituto Butantan recebido de outros distritos do Brasil diversos exemplares de "Salamanta" ou "Cobra de veado", alguns dos quais foram incorporados à coleção. O estudo crítico desse material revelou a ocorrência, no Brasil, de mais as seguintes sub-espécies novas:

(*) Stull não forneceu os dados individuais dos parátipos, de sorte que não se sabe se "237" representa erro de contagem ou corresponde a exemplar que deva ser ligado a outra raça (neste caso a subespécie *gaigei* seria composta) ou represente forma intermédia. Note-se que, em seu artigo, Stull indica dois limites mínimos, e dois máximos, ambos diferentes, para as ventrais: 231 vs. 237; 267 vs. 261. Na minha opinião, é pouco provável ocorrer, dentro da mesma raça de *E. cenchria* e no mesmo distrito, tão extensa variação entre as ventrais.

Recentes verificações feitas nos parátipos revelaram a seguinte contagem: E. D. 41-48; V. 238-261; Sub-C. 43-60. Tem-se a impressão de que o exemplar No. 68.068, (E. D. 43; V. 238; Sub-C. 43), incluso entre os parátipos, é antes híbrido de *crassus* × *gaigeae*. Se tal impressão se comprovar pela colheita de outros exemplares semelhantes em Sta. Cruz, Bolívia, a forma *gaigeae* passará a composta.

F) — *Epicrates cenchria xerophilus* subsp. n.

Por toda a zona nordestina, assolada pela seca, desde o Piauí até o Norte da Bahia, encontram-se espécimes que apresentam entre si muita afinidade na folidose e no cromatismo e assim se distinguem:

CARACTERES PRINCIPAIS:

HOLÓTIPO — Exemplar ♀, No. 9.252 na coleção do Instituto Butantan, procedente de Rio Branco, Pernambuco (Brasil), com a folidose constante do Quadro III.

PARÁTIPOS — 13 exemplares na coleção do Instituto Butantan, conforme dados constantes do Quadro III.

FOLIDOSE — Escamas dorsais — 46 a 52 ($\delta \delta = 47-52$; $\varphi \varphi = 46-52$). Ventrais — 245 a 255 ($\delta \delta = 249-254$; $\varphi \varphi = 245-255$). Subcaudais — 46 a 60 ($\delta \delta = 46-60$, $\varphi \varphi = 49-56$). Supralabiais — 12 a 15. Infraclabiais — 13 a 17.

— Na coleção do Instituto Butantan existe um exemplar, No. 5.076 (pele), procedente de Montes Claros, zona seca do N. de Minas Gerais, o qual apresenta: dorsais — 46, ventrais — 233, subcaudais — 44, supralabiais — 15/15, infralabiais — 14/?; colorido parecido com o de *xerophilus* e de *crassus* (marcas transvertebrais, na maioria divididas e alternas entre si; ocelos tarjados de claro e cobertos por mancha arciforme), dos quais pode representar forma intermédia. Outro exemplar, No. 15.857, jovem, ♀, procedente de Lassance, perto dessa zona, tem o colorido desse modelo e na folidose apresenta: dorsais — 46, ventrais — 220, subcaudais — 45, supralabiais — 12/12, infralabiais — 14/14; parece também ser híbrido.

COLORIDO DE *E. CENCHRIA XEROPHILUS*:

Colorido geral próximo do modelo *crassus*. Cabeça com as duas estrias laterais reduzidas; estria central, desde o focinho até a nuca, bem nítida; estria lateral, sem a porção pre-ocular e a iniciar-se atrás do olho, indo, às vezes interrompida, até perto da nuca; estria intermédia, por vezes interrompida e não ligada à estria transnucal que se acha reduzida a pequenas manchas, ou ausente. Dorso com marcas transvertebrais (às vezes em sela) escuras, de centro bem mais claro (crème), especialmente nos jovens, em número de 42 a 52 no corpo + 8 a 10 na cauda; a estria lateral (post-ocular), extendida

QUADRO III

Exemplares de *E. cenchria xerophilus* na coleção do Instituto Butantan

No.	Sexo	Procedência	Dorsais	Ventrais	Caudais	S. Labiais	I. Labiais	Comprimento em mm.		Notas
								Total	Cauda	
1.690	♀	Piauí: Santa Filomena	50	255	55			430	60	
1.691	♀	Piauí: Santa Filomena	49	250	51	15/15	16/16	365	48	
13.080	♂	Ceará: Fortaleza	47	250	53	14/14	15/15	406	58	
12.101	♀	Ceará: Lima Campos (Fortaleza)	51	253	52	15/14	18/16	1.096	141	
13.078	♀	Ceará: Lima Campos	52	254	52	15/15	17/17	1.258	159	
1.483	♀	Ceará: São Vicente	51	255	56	14/14	15/16	866	122	
13.079	♀	Ceará: Fortaleza	46	245	55	14/15	17/16	260	51	
889	♀	Ceará: s/local.	46	254	50	14/14	15/15	370	49	
953	♂	Pernambuco: Recife	52	249	49	14/15	14/15	970	121	
278	♂	Pernambuco: s/local.	48	254	56	12/12	15/13	1.101	155	
326	♀	Pernambuco: Olinda (Recife)	46	248	51	12/12	16/14	470	62	
280	♀	Pernambuco: Olinda (Recife)	48	254	53	13/13	15/15	485	64	
9.252	♀	Pernambuco: Rio Branco	51	248	55	14/14	17/16	811	102	Holótipo
3.210	♂	Bahia: Santa Luzia	47	253	60	14/14	17/16	370	55	
1 (*)	?	Ceará: s/local.	47	253	55	13/14	?	—	—	Mus. Rocha (cf. I. F. Gomes)
2 (*)	?	Ceará: s/local.	45	254	50	14/14	?	—	—	Mus. Rocha (cf. I. F. Gomes)

para trás (às vezes após interrupção de cada lado da nuca), em linha quase contínua anteriormente e interrompida posteriormente, onde forma ocelos alongados de cada lado; essa estria é tarjada de claro (crème), principalmente em cima; a porção clara (crème) da tarja superior forma, posteriormente, após a subdivisão da estria longitudinal, um arco crème (de concavidade inferior) sobre cada mancha do 1.º grupo (superior) lateral e quase sempre posta no intervalo das marcas transvertebrais; de cada lado, principalmente no meio do corpo, surge uma série (às vezes duas) de grandes manchas escuras (2.º grupo ou médio) arredondadas ou irregulares, quase sempre alternadas não-somente entre si, mas ainda com os ocelos da 1.ª série (superior) e com outras manchas escuras, inferiores (3.º grupo). Face ventral clara, manchada lateralmente de escuro, sobretudo sob a cauda.

EXTENSÃO DA CAUDA — O comprimento da cauda, expresso pela relação "cauda: comprimento total", é, em média, nos exemplares examinados, de $\pm 13,4\%$.

(Vide Quadro III)

G) — *Epicrates cenchria hygrophilus* subsp. n.

Na zona do médio Rio Doce, Estado do Espírito Santo, e perto da fronteira de Minas Gerais, zona limitada a Oeste pela serra do Espinhaço, em sítios fartamente florestados, ocorre uma população bastante diferenciada e cujos representantes, espalhando-se talvez até o Estado do Rio de Janeiro, podem ser assim reconhecidos:

CARACTERES PRINCIPAIS:

HOLÓTIPO — Exemplar ♀, No. 8.845 na coleção do Instituto Butantan, procedente do Baixo Guandú, bacia do médio Rio Doce, Espírito Santo (Brasil), com a folidose constante do Quadro IV.

PARÁTIPOS — 11 exemplares na coleção do Instituto Butantan, conforme dados constantes do Quadro IV.

QUADRO IV

Exemplares de *E. cenchria hygrophilus* na coleção do Instituto Butantan.

No.	Sexo	Procedência	Dorsais	Ventrais	Caudais	S. Labiais	I. Labiais	Comprimento em mm.		Notas
								Total	Cauda	
8.718	♂	Espírito Santo: Baixo Guandú	47	258	54	12/11	14/14	1.345	182	
12.718	♂	Espírito Santo: João Neiva	47	260	56	13/13	16/15	1.105	160	
8.995	♂	Espírito Santo: Cons. ^o Pena	46	260	56	14/13	16/15	1.630	215	
12.217	♂	Espírito Santo: João Neiva	48	263	27+n	13/13	16/17	1.405	105+n	C. mutil.
8.996	♂	Espírito Santo: Cons. ^o Pena	49	261	57	13/13	15/15	1.515	200	
8.845	♀	Espírito Santo: Baixo Guandú	48	256	57	13/12	15/14	1.535	182	Holótipo
8.401	♀	Espírito Santo: Baixo Guandú	48	258	60	13/13	15/16	1.535	187	
8.751	♀	Espírito Santo: Baixo Guandú	45	258	54	12/13	16/15	1.472	182	
8.762	♀	Espírito Santo: Baixo Guandú	47	256	53	12/12	14/14	1.352	178	
9.072	♀	Espírito Santo: Cons. ^o Pena	45	261	60	13/13	15/15	1.175	155	
8.959	♀	Espírito Santo: Cons. ^o Pena	48	259	59	13/12	15/15	1.415	185	
8.948	♀	Espírito Santo: Cons. ^o Pena	50	261	59	13/13	15/15	1.120	143	

FOLIDOSE — Escamas dorsais — 45 a 50 ($\delta \delta = 46-49$, $\varphi \varphi = 45-50$). Ventrais — 256 a 263 ($\delta \delta = 258-263$, $\varphi \varphi = 256-261$). Subcaudais — 53 a 60 ($\delta \delta = 54-57$, $\varphi \varphi = 53-60$). Supralabiais — 12 (11) a 13 (14). Infralabiais — 14 a 17.

Na colecção do Instituto Butantan existe um exemplar (φ), No. 608, procedente de Caratinga (Minas Gerais), o qual, pela folidose ventral e pelo colorido, se aproxima desta raça, enquanto, pelo número de sub-caudais, se parece com a subespécie *polylepis*, adiante descrita. Esse exemplar, de colorido do modelo *cenchria*, apresenta: escamas dorsais — 49; ventrais — 255; subcaudais — 50; supralabiais — 13; infralabiais — 15/16.

Na aludida colecção se encontra outro exemplar (δ), No. 1142, procedente do Estado do Rio de Janeiro (zona da Estrada de Ferro Central do Brasil) e que apresenta: escamas dorsais — 50; ventrais — 257; subcaudais — 53. Assim, pela folidose, ele se aproxima de *hygrophilus*. Todavia, pelo colorido, parece intermédio da *hygrophilus* e *crassus*.

No trabalho do Príncipe de Wied (11) há referência a um exemplar jovem por ele colhido na região do Rio Mucuri (Bahia — Espírito Santo). Esse espécime que apresentava escamas dorsais — 43 (número baixo, talvez resultante de engano de contagem); ventrais — 260 e subcaudais — 54, poderia pertencer também à subespécie *hygrophilus*.

COLORIDO DE *E. CENCHRIA HYGROPHILUS*:

Colorido geral próximo do modelo *cenchria*. Dorso pardo avermelhado brilhante. Cabeça com estrias escuras semelhantes às de *cenchria*. Faixas transvertebrais em número de 43 a 46 no corpo + 10 a 12 na cauda, em geral divididas, excepto na parte anterior e posterior do corpo, de sorte a formarem longos desenhos irregulares em S semi-contínuos de cada lado e ao longo da linha neural; ocelos laterais grandes e bem manchados de claro (crème), não sómente em baixo da estria superior arciforme, mas em baixo do próprio ocelo; 1 série de manchas escuras alternadas e inferiores aos ocelos, extendidas até a primeira série dorsal (para-ventral). Face ventral amarelada (crème), quase nunca manchada de escuro mesmo lateralmente, excepto sob a cauda, onde existem grandes manchas transversais escuras.

EXTENSÃO DA CAUDA — O comprimento da cauda, expresso pela relação "cauda: comprimento total", é, em média, nos exemplares examinados, de $\pm 12\%$.

H) — *Epicrates cenchria polylepis* subsp. n.

Na zona montanhosa do N. O. de Minas Gerais e S. E. de Goiás, desde a bacia do Rio Pandeiro, afluente do Rio São Francisco e, através da serra

e do vâo do Paraná, até o Rio Canabrava, sub-afluente do alto Rio Tocantins, e distritos convizinhos, ocorre, finalmente, outra população, cujos representantes podem assim distinguir-se:

CARACTERES PRINCIPAIS:

HOLÓTIPO — Exemplar ♂, No. 9.165 na coleção do Instituto Butantan, procedente da área do Rio Pandeiro, N. O. de Minas Gerais (Brasil), com a folidose constante do Quadro V.

PARÁTIPOS — 3 exemplares na coleção do Instituto Butantan, conforme dados constantes do Quadro V.

FOLIDOSE — Escamas dorsais — 47 a 55 ($\delta \delta = 47-49$, $\varphi \varphi = 49-55$). Ventrais — 232 a 240 ($\delta \delta = 232-236$, $\varphi \varphi = 235-240$). Subcaudais — 45 a 54 ($\delta \delta = 46-53$, $\varphi \varphi = 45-54$). Supralabiais — 14 a 15. Infralabiais — 15 a 17.

Na coleção do Instituto Butantan existe um exemplar (φ), No. 12.054, que foi colhido vivo em Santa Isabel (ilha do Bananal), norte de Goiás, e apresenta: escamas dorsais — 46, ventrais — 233, subcaudais — 41, supralabiais — 14 e infralabiais — 14. Esse espécime, de colorido do modelo *crassus*, afasta-se de *polyloepis* apenas pelo número ligeiramente menor de subcaudais e pode representar uma das formas intermédias das raças ora assinaladas.

COLORIDO DE *E. CENCHRIA POLYLEPIS*:

Colorido geral próximo do modelo *crassus*. Dorso róseo-pardo escuro. Cabeça com as estrias escuras, longitudinais, reduzidas em tamanho e intensidade, menos a lateral (quase sempre ausente adiante da órbita), que se continua para trás ao longo de cada flanco. Marcas dorsais arredondadas, de centro claro e bordas escuras, às vezes em sela ou divididas em 2, ficando então os semi-ocelos em posição alterna entre si. Estria lateral escura, tarjada de claro, em cima e em baixo como em *xerophilus* e subdividida, na parte média e posterior do corpo, em manchas ocelares, sobrepostas e alternas quase sempre a 2 séries menores de manchas arredondadas ou irregulares escuras, estas alternas entre si e geralmente desprovidas de tarja clara. Face ventral amarelo claro (crème-róseo no jovem), pouco manchado de escuro mesmo sob a cauda.

EXTENSÃO DA CAUDA — O comprimento da cauda, expresso pela relação "cauda: comprimento total", é, em média, nos exemplares examinados, de $\pm 13,2\%$.

QUADRO V

Exemplares de *E. cenchria polylepis* na coleção do Instituto Butantan.

No.	Sexo	Procedência	Dorsais	Ventrais	Caudais	S. Labiais	I. Labiais	Comprimento em mm.		Notas
								Total	Cauda	
9.165	♂	Minas Gerais: Rio Pandeiro	49	236	46	14/14	15/15	580	79	Holótipo
9.166	♀	Minas Gerais: Rio Pandeiro	49	239	49	15/15	15/15	366	46	(jovem)
9.216	♂	Goiás: Rio Cana Brava	47	232	53	14/14	17/17	825 ?	70 ?	(pele)
9.217	♀	Goiás: Rio Cana Brava	55	240	54	14/15	15/15	1.055 ?	130 ?	(pele)

NOTA: — Aos distintos pesquisadores, srs. William E. Duellman (M. Z., U. Mich.) Robert F. Inger (Chicago N. H. M.), Arthur Love-ridge (M. C. Z., Harvard) e dra. Doris Cochran (U. S. National Museum), apresento agradecimentos pelas valiosas informações que gentilmente forneceram sobre exemplares sul-americanos de *Epicrates*, contidos em coleções dos museus nos Estados Unidos

Diagnose das raças de *Epícrates cenchria*.

Raças	Dorsais	Ventrais	Caudais	Cauda (%)	Colorido (nuca e flanco)	Distribuição
<i>cenchria</i>	43-51	256-271	56-66	13,9	ocelos escuros, múltiplos, sobrepostos a manchas escuras (1 série) nos intervalos [modelo]	Distritos baixos das Guianas; bacia do Rio Amazonas (Brasil até Perú).
<i>maurus</i>	47-51	231-240	(50)-52	?	idem, pouco nítidos	Costa Rica, Panamá, Colômbia, Venezuela (Trinidad, Tobago) e altos das Guianas.
<i>gaigei</i>	40-45 (41-48)	231(?) - 267 (238-261) *	45(?) - 59 (43-60) *	13,3(?)	idem, sem tarjas claras (centro branco)	Bolívia (Centro E.), Perú.
<i>hygrophilus</i>	45-50	256-263	53-60	12,0	idem, nítidos, tarjados de claro	Distrito do médio Rio Doce (Espírito Santo, Brasil).
<i>crassus</i>	40-46	214-239	34-43	10,7	estria longitudinal, escura, tarjada de claro em cima e em baixo, subdividida para trás em ocelos, sobrepostos a manchas escuras (2 séries) intercaladas e também alternas entre si. [modelo]	Brasil (Centro S.), Paraguai, Argentina (N.).
<i>barbouri</i>	45	232-233	50-51	11,9	idem.	Ilha Marajó (Pará), Brasil.
<i>xerophilus</i>	46-52	245-255	46-60	13,4	idem.	Nordeste do Brasil.
<i>polylepis</i>	47-55	232-240	46-54	13,2	idem.	Minas Gerais (N. O.) e Goiás (S. E.), Brasil.

(*) cf. verificações recentes da contagem.

RESUMO

A luz de análise feita dos caracteres de numerosos exemplares de *Epicrates cenchria*, ao lado de descrições publicadas últimamente, podem ser reconhecidas as seguintes subespécies: *cenchria* (L.), *crassus* (Cope), *maurus* Gray, *barbouri* Stull e *gaigeae* (por *gaigei*) Stull.

Ao lado destas, cujos caracteres mais importantes, ao par da distribuição geográfica, são resumidos no texto, é publicada a descrição de outras subespécies novas, que se acham representadas por vários exemplares na coleção do Instituto Butantan. Estas novas subespécies são as seguintes: *E. cenchria xerophilus* — para a zona xerofítica do N. E. do Brasil, desde o Piauí até o N. da Bahia; *E. cenchria hygrophilus* — para os distritos florestados da zona do médio Rio Doce, Espírito Santo; *E. cenchria polylepis* — para a secção montanhosa (planalto) do N. O. de Minas Gerais e S. E. de Goiás (Vide Quadro VI).

Do ponto de vista do colorido, é curioso assinalar que, pelas marcas dorsais, todas essas subespécies se reunem em dois agrupamentos distintos: a) modelo *cenchria*, caracterizado especialmente por uma série de desenhos anegrados, em círculo (anéis) ou em S de cada lado, ou em sela através da linha neural, além de 1 série de ocelos laterais escuros e manchados às vezes de claro, existentes desde a nuca até perto da cauda e sobrepostos apenas a 1 série intercalar de manchas escuras, menores, para-ventrais; b) modelo *crassus*, caracterizado principalmente por uma série de manchas escuras, de centro claro, às vezes oceliformes, atravessadas ou alternadas de cada lado da linha neural, além de 3 séries laterais, alternadas, de manchas escuras arredondadas, de que a superior é formada por unidades maiores ou ocelos escuros, rodeados de claro e que anteriormente confluem em 1 estria escura tarjada de claro, a qual se estende até a nuca e então por vezes se confunde com a estria transorbitária da cabeça.

SUMMARY

In the light of an analytical study made of the characters of numerous specimens of *Epicrates cenchria*, besides descriptions as recently published, the following subspecies can be recognized: *cenchria* (L.), *crassus* (Cope), *maurus* (Gray), *barbouri* Stull and *gaigeae* (for *gaigei*) Stull.

Besides these races, of which the most important characters and the geographical distribution are briefly given in the text, the description is published of other new subspecies which are represented by several specimens in the Instituto Butantan collection. These new subspecies are the following: *E. cenchria xerophilus* — for the dried districts of N. E. Brazil, from Piauí to N. Bahia; *E. cenchria hygrophilus* — for the wooded districts of the middle Rio Doce basin, Espírito Santo; *E. cenchria polylepis* — for the mountainous section (tableland) of N. W. Minas Gerais and S. E. Goiás (See Quadro VI).

From the standpoint of their dorsal markings, all these races form two distinct groups: a) *cenchria* pattern, characterized especially by a series of round (rings) or S — like or saddle-like markings on each side of or across the neural line, besides 1 principal para-ventral series of dark, light-edged ocelli from the nape to near the tail and placed above but 1 intermediate series of dark and smaller spots extending partly on the ventral sides; b) *crassus* pattern, characterized especially by a series of dark, light-centred, sometimes ocelliform markings placed across or alternate on each side of the neural line, besides 3 lateral alternate series of dark rounded markings of which the uppermost is made up of larger units (dark centered, light edged ocelli) which become confluent anteriorly so as to form a dark light-edged stripe, sometimes extending forward to the nape side so as to appear eventually connected with the transorbital cephalic dark stripe.

BIBLIOGRAFIA

1. Lineu (Linnaeus), C. — Systema Naturae, ed. X:215 (No. 322), 1758.
2. Wagler, J. G. — Syst. Amphibien (Ed. Cotta, Mônaco): 168, 1830.
3. Boulenger, G. A. — Cat. Sn. Brit. Mus. I:94-96, 1893.
4. Boulenger, G. A. — loc. cit. III:593, 1896.
5. Cope, E. D. — Cat. Rept. Expl. Parana etc.. Proc. Acad. Nat. Sc. Philadelphia IX:349-350, 1862.
6. Amaral, A. do — C. C. O. B. IV-Lista Remissiva Ophidios do Brasil Mem. Inst. Butantan 4:77, 1929.
7. Stull, O. G. — Check List Fam. Boidae. Proc. Boston Soc. Nat. Hist. XL(8):396, 1935.
8. Stull, O. G. — 3 New Subspecies Fam. *Boidae*. O. P. Boston Soc. Nat. Hist. 8:298-300, 1938.
9. Anderson, L. G. — Linn. Specimens Sn. Royal Mus. Stockholm. Bih. K. Sv. Vet. — Akad. Handl. XXIV, 4(6):27-28, 1899.
10. Serié, P. — N. Enum. Sist. Distr. Geogr. Ofidios Argentinos. Inst. Mus. Univ. Nac. La Plata: 38, 1936.
11. Wied, Maximilian (Pr. zu Wied) — Beitr. Naturg. Brasiliens 1:222, 1825 (Abbild. 10, Weimar, 1831).



Área geral de distribuição das subespécies de *Epicrates cenchria* (L., 1758)

